

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS *QUEER* COMO INSTRUMENTO DE ENSINO PARA TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS: UM ESTUDO NO CURSO SOLIDÁRIO ‘TÔ PASSADA’ EM CURITIBA, PARANÁ

Ramon de Oliveira Bieco Braga

*Pesquisador do Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na
Educação (LABIN) e Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Paraná.
ramonbieco@hotmail.com*

Maria Rita de Assis César

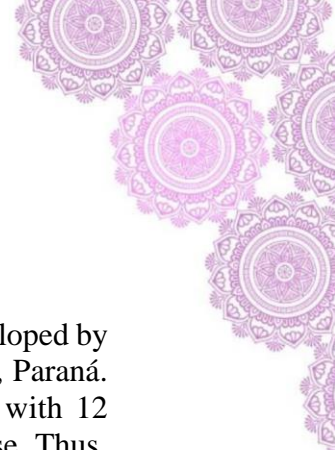
*Coordenadora e Pesquisadora do Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e
Subjetividade na Educação (LABIN) e Professora do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal do Paraná.
mritacesar@yahoo.com.br*

*Simpósio Temático n. 29 – PEDAGOGIAS *QUEER*: Desestabilizações, desconstruções e
a produção de conhecimentos dissidentes*

RESUMO

Nesta pesquisa, se desenvolveu uma reflexão sobre as práticas pedagógicas *Queer*, desenvolvidas por docentes voluntários(as) que lecionaram no curso solidário ‘Tô Passada’, em Curitiba, Paraná. Operacionalmente, com base no método qualitativo, realizou-se entrevista com 12 docentes voluntários que compartilharam as práticas pedagógicas desenvolvidas no curso. Desse modo, os resultados demonstram que os docentes da área de Linguística, desenvolveram atividades de leitura e produção de texto, assim como feito por docentes da área de Ciências Humanas. Dessas disciplinas, constatou-se que as aulas centralizaram reflexões sobre o contexto histórico, cultural e político do movimento LGBTT, que subsidiou a inteligibilidade do conceito *Queer*. Segundo os(as) docentes de Biologia, as aulas ocorreram com base no estudo dos hormônios, processo transexualizador, genes e células; enquanto que nas aulas das Ciências Exatas, foi verificado como os dados quantitativos em tabelas e gráficos, podem subsidiar a reflexão sobre a violência que incide no corpo de travestis e transexuais, com base nos relatórios de violência a população trans no Brasil, cunhado pela ANTRA.

Palavras-chave: Educação *Queer*, *Queer*, Pedagogia *Queer*, Tô Passada.



ABSTRACT

In this research, a reflection was developed on *queer* pedagogical practices, developed by volunteer teachers who taught in the solidarity course 'Tô Passada', in Curitiba, Paraná. Operationally, based on the qualitative method, an interview was conducted with 12 volunteer teachers who shared the pedagogical practices developed in the course. Thus, professors in the area of Linguistics, developed activities of reading and production of text, as well as done by professors in the area of Human Sciences. From these disciplines, it was found that the classes centralized reflections on the historical, cultural and political context of the LGBTT movement, which subsidized the intelligibility of the *Queer* concept. According to biology teachers, the classes took place based on the study of hormones, transsexualizing process, genes and cells; whereas in the Exact Sciences classes, it was verified how the quantitative data in tables and graphs can support the reflection on the violence that affects the body of transvestites and transsexuals, based on the reports of violence the trans population in Brazil, coined by ANTRA.

Keywords: *Queer* Education, *Queer*, *Queer* Pedagogy, Tô Passada.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa problematizou ‘quais foram as práticas pedagógicas *Queer* utilizadas pelos(as) docentes voluntários(as), que lecionaram para travestis e mulheres transexuais, no curso ‘Tô Passada’ ofertado pelo Transgrupo Marcela Prado, em Curitiba, Paraná, entre os anos 2016 a 2018?’.

A questão problematizadora apresentada emergiu com base na trajetória profissional e acadêmica das pessoas que assinam a autoria deste texto, nas pesquisas sobre gênero e sexualidades na Educação (Maria Rita de Assis CÉSAR, 2008; 2012; 2014; Ramon de Oliveira Bieco BRAGA; Ana Paula BENATO, 2019), aliado as pesquisas sobre transfobia no âmbito escolar (BENATO; BRAGA, 2019; BRAGA; BENATO, 2021), bem como na experiência de um dos autores como docente voluntário no curso solidário ‘Tô Passada’, ofertado pela Organização Não Governamental (ONG) Transgrupo Marcela Prado, localizada no município de Curitiba, Paraná.

As práticas pedagógicas podem ser compreendidas, conforme refletido por Maria Amélia do Rosario Santoro Franco (2016), como todo recurso tecnológico, atividade escolar, didática do(a) docente, discurso, ideologia, currículo, enfim, todo encaminhamento metodológico praticado por um(a) profissional da educação, que objetiva a promoção do conhecimento científico interseccionado com a cultura, a política e a economia vivenciada pelos(as) estudantes.

Destaca-se ainda que a educação, de acordo com Paulo Freire ([1970] 1987), é uma prática educacional libertadora, isto é, como um processo de tomada de consciência de si, afim de assegurar os subsídios intelectuais para uma pessoa se empoderar e poder viver em sociedade, tendo autonomia nas escolhas do cuidado de si.

No caso da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT), a educação pode ser compreendida como um processo de empoderamento intelectual que objetiva a libertação, uma vez que auxilia no desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de texto, assim como a sociedade em que estão circunscritos(as). Destarte, nem todas as pessoas LGBTT vivenciam da mesma forma o espaço escolar, na medida que seus corpos são diferentemente lidos pelo discurso cisheteronormativo, que, para Davi Miranda (2018), é um conjunto de normas culturalmente concebido, que naturaliza as relações sociais cisgêneros e heterossexuais, marginalizando todas as relações sociais não heterossexuais como, por exemplo, as travestilidades e as transexualidades. Diante da cisheteronormatividade presente nos espaços escolares, travestis e transexuais vivenciam a transfobia que, nesta pesquisa, é compreendida como um conjunto de violências físicas e/ou psicológicas que desqualificam o corpo travesti, transexual e/ou transgênero. Essas violências podem ser escancaradas ou silenciosas. A aversão, o ódio e a repulsa social contra os corpos travestis, transexuais e/ou transgêneros, expulsa essas pessoas dos espaços escolares, pois elas não são bem-vindas e são maltratadas, desrespeitadas e violentadas verbalmente, fisicamente e/ou psicologicamente (Vinicius CABRAL; Marcio Jose ORNAT; Joseli Maria SILVA, 2013; Marcos Antonio TORRES; Marco Aurélio PRADO, 2014; Naomi Neri SANTANA; Eliane Rose MAIO, 2015; Neil Franco Pereira de ALMEIDA; Graça Aparecida CICILLINI, 2015).

Com o objetivo de reaproximar as pessoas que vivenciaram a transfobia nos espaços escolares, o curso solidário ‘Tô Passada’ é um espaço de resistência para a educação das pessoas LGBTT. Salienta-se que o mesmo iniciou as suas atividades no ano de 2016, em local cedido pela ONG Transgrupo Marcela Prado, em Curitiba, Paraná. A iniciativa do curso solidário ocorreu a partir de uma parceria firmada entre a própria ONG já mencionada e um projeto de extensão universitário do curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) – sem nenhum auxílio financeiro.

A concepção pedagógica do curso solidário ‘Tô Passada’, reconhece que a transfobia é uma realidade vivenciada por muitas travestis e pessoas transexuais – não

excluindo também o reconhecimento da existência de outras LGBTfobias. Desse modo, os(as) docentes voluntários que aceitaram trabalhar nesse curso, compreendem que as discentes sofreram com a transfobia nos espaços escolares.

Diante do exposto, é possível reconhecer a transfobia como um problema social, pois, segundo dados da ONG Transgender Europe (TGEU, 2018), entre 01 de janeiro de 2008 até 30 de setembro de 2018, 2.982 pessoas transgêneros foram assassinadas no mundo, sendo que somente entre os anos 2016 a 2018, foram registrados 989 assassinatos – cerca de 1/3 do volume total. Das pessoas assassinadas, 62% eram profissionais do sexo e 1.145 morreram em decorrência do uso das armas de fogo, 577 morreram apunhaladas com armas brancas e 306 morreram espancadas.

No Brasil, o relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (Bruna G. BENEVIDES; Sayonara Naider Bonfim NOGUEIRA, 2019) denunciou que somente em 2018, foram registrados 161 assassinatos, sendo 59 casos (36,2%) no nordeste, 45 casos (27,6%) no sudeste, 20 casos (12,2%) no sul, 19 casos (12%) no norte e 18 casos (11,4%) no centro-oeste. Do total, 60,5% possuía entre 17 a 29 anos de idade. Elas são mortas por armas de fogo (53%), armas brancas (21%), espancamento, asfixia e/ou estrangulamento (19%) e outras formas (07%) não indicadas no relatório da ANTRA.

O cenário internacional e nacional é muito preocupante. Portanto, no curso solidário ‘Tô Passada’, os(as) docentes possuíram o desafio de estimular que as travestis e mulheres transexuais (bem como toda pessoa LGBTT) se reaproximassem dos espaços escolares, pois se reconhece que elas não foram bem-vindas nas espacialidades escolares e, dentre outros motivos, foram expulsas dessas espacialidades.

As práticas pedagógicas *Queer* nesse cenário, se constituíram como estratégias pedagógicas utilizadas pelos(as) docentes para estimular que as travestis e mulheres transexuais invistam na escolarização, pois, como exposto por Nilson Fernandes Dinis (2013), a Pedagogia *Queer* se constitui como práticas pedagógicas que subverte o currículo e o conhecimento heteronormatizado. Desse modo, a Pedagogia *Queer* desnaturaliza o binarismo de gênero presente no currículo escolar, na estrutura da escrita nos livros didáticos, o discurso docente e a elaboração do conhecimento.

No curso solidário ‘Tô Passada’, o trabalho dos(as) docentes sempre foi o de estimular que travestis e transexuais se sentissem acolhidas em um espaço escolar e para as pessoas que já tinham concluído o ensino médio, que elas se sentissem motivadas a

ingressar em um curso profissionalizante – independentemente do nível técnico, tecnólogo e/ou graduação.

Nesse contexto, o presente estudo apresentou como objetivo geral, analisar as práticas pedagógicas *Queer* utilizadas pelos(as) docentes voluntários(as), que lecionaram para travestis e mulheres transexuais, no curso ‘Tô Passada’, ofertado pelo Transgrupo Marcela Prado, em Curitiba, Paraná, entre os anos 2016 a 2018.

Justifica-se que esta pesquisa é inédita no recorte espacial e temporal do curso solidário ‘Tô Passada’, bem como que as questões levantadas para ancorar a reflexão desse tema, se apresentam consubstanciadas a prática profissional e acadêmica das pessoas que assinam a autoria deste texto.

O recorte temporal entre 2016 a 2018, se justifica pelo curso ter sido criado em 2016 e ter sido ofertado no triênio 2016 a 2018; e o recorte espacial do ‘Tô Passada’, decorre em virtude de o mesmo centralizar travestis, transexuais e outras pessoas LGBTT que buscaram dar continuidade a escolarização em um espaço cedido pela ONG Transgrupo Marcela Prado – reconhecida socialmente como uma ONG curitibana que luta pelos direitos sociais das travestis e transexuais e combate a transfobia.

As pesquisas etnográficas desenvolvidas por Hélio Raymundo Santos Silva ([1993] 2007), Berenice Alves de Melo Bento (2002), Marcos Renato Benedetti (2005), Don Kulick (2008) e Larissa Pelúcio (2009), reconhecem que as travestis e mulheres transexuais convivem com a transfobia nos espaços escolares. Essa transfobia, como mencionado por Joseli Maria Silva (2013), interdita o espaço escolar para elas, fazendo com que as mesmas se sintam desmotivadas em continuar a estudar e concluir a educação básica. Assim, esta pesquisa é relevante no campo educacional por ampliar as discussões em relação as práticas pedagógicas *Queer*, que reconhece a diversidade cultural das pessoas, sobretudo em relação a gênero, identidade de gênero, etnia, raça, classe, dentre outros aspectos.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

O método utilizado nesta pesquisa foi o qualitativo que tem, como mencionado por Marcos Suel Zanette (2017), potencializado as pesquisas no âmbito educacional. Assim, como técnica de coleta de dados, aplicou-se um questionário semiestruturado, composto por 34 perguntas, que foram respondidos por 12 pessoas que trabalharam voluntariamente no curso ‘Tô Passada’.

As perguntas versavam sobre a formação acadêmica de cada profissional, o interesse em participar como voluntário do curso solidário ‘Tô Passada’ e as práticas pedagógicas *Queer* realizadas por essas pessoas, com o interesse em promover o desenvolvimento intelectual e a aprendizagem das alunas.

Em virtude do isolamento social da Pandemia de COVID-19, a aplicação dos questionários ocorreu com o auxílio do Google Forms que tem se demonstrado como um aliado recurso a coletar dados e/ou informações para pesquisas na área da Educação (Sergio Larruscaim MATHIAS; Celio SAKAI, 2013).

A técnica de análise dos dados foi a análise de discurso elaborada por Laurence Bardin ([1977] 2016), que possibilitou a análise das práticas pedagógicas por áreas do conhecimento científico, a saber: Ciências Humanas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia); Ciências Exatas e Naturais (Matemática, Química, Física e Biologia) e Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira Moderna – Inglês). Além disso, optou-se por utilizar da literatura *Queer* e dos estudos de gênero e sexualidades para subsidiar a análise dos resultados obtidos.

Após a realização da análise dos dados, como produto de divulgação dos resultados desta pesquisa, foi elaborado um portfólio online para auxiliar na socialização das práticas pedagógicas. Salienta-se que esse portfólio pode ser acessado no sítio <https://padlet.com/ramonbieco/praticaspedagogicasqueer> .

PEDAGOGIA *QUEER* E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS *QUEER*

Nessa sessão, é apresentada uma discussão teórica acerca da Pedagogia *Queer* e as práticas pedagógicas *Queer*, no âmbito das práticas realizadas pelos(as) docentes voluntários(as) no curso solidário ‘Tô Passada’. Assim, desenvolve-se uma reflexão sobre a existência do sexismo e da cisheteronormatividade (MIRANDA, 2018) presente no espaço escolar, sendo esses desconstruídos pela Pedagogia *Queer* e as práticas pedagógicas *Queer*.

Desse modo, para se realizar o planejamento das práticas pedagógicas *Queer*, os(as) 18 docentes que foram entrevistados(as), participaram de reuniões mensais que tinha o objetivo de socializar as experiências obtidas por outros(as) docentes, bem como foi verificado que no curso ‘Tô Passada’, um(a) docente que lecionava para uma determinada disciplina, também lecionava outras disciplinas, pois no projeto pedagógico do curso, a cada encontro que ocorria nas terças e quintas-feiras, no período noturno, das

19 às 22 horas, as estudantes contavam com aulas ministradas simultaneamente por dois docentes.

Salienta-se que embora todos(as) os(as) docentes se auto identificassem como cisgênero e a maioria se auto identificassem como heterossexual, eles(as) se demonstravam sensibilizados em compreender a violência transfóbica que incidia sob o corpo não cisgênero e não heterossexual, pois nas reuniões pedagógicas, eram debatidos textos previamente lidos, cuja temática central era sobre a literatura *Queer*.

Desse modo, para se refletir acerca do sexismo no espaço escolar, o grupo utilizou as reflexões de Guacira Lopes Louro ([1997] 2003) que exemplificou o sexismo no espaço escolar, denunciando a binaridade de gênero nos banheiros; nas filas organizadas para uma oração cristã e/ou canto do hino nacional; nas brincadeiras sexistas meninos contra meninas; nos discursos androcêntricos presente nos livros didáticos; na oratória dos(as) docentes e a formação acadêmica dos(as) mesmos(as); bem como as atividades extraclases que são marcadamente sexistas como as festas juninas que formam os casais de gênero binários e sistematizam as práticas de que os meninos devem levar bebidas e as meninas devem levar bolos e salgados. Foi com base nessas reflexões que os(as) docentes voluntários iniciaram o planejamento pedagógico de atividades que desconstruíssem a cisheteronormatividade (MIRANDA, 2018).

Para subverter a cisheteronormatividade (MIRANDA, 2018), Louro ([1997] 2003) sugeriu para os(as) docentes, o planejamento e a execução de uma Pedagogia Feminista ou em outras palavras sugeriu algumas práticas pedagógicas *Queer* que desnaturalizasse a cisheteronormatividade (MIRANDA, 2018) no espaço escolar, como, por exemplo, não reproduzir o discurso androcêntrico; não estimular a divisão sexista binária; não ocultar na oratória as pessoas que não são homens; não ratificar as cores binárias como o azul e o rosa para meninos e meninas; e não estimular a competição de meninos contra meninas. Refletindo sobre a Pedagogia *Queer*, em outro momento, Louro (2004) reconhece que a Pedagogia *Queer* não se trata de incluir mais pessoas (*Queer*) no currículo já extenso, mas de sensibilizar as pessoas sobre as diferenças culturais e a diversidade de gênero e sexualidades.

Mediante esse contexto, com base nas respostas coletadas pelo questionário semiestruturado, foi possível verificar que os(as) docentes da área do conhecimento científico de Linguagens, planejaram aulas que envolvessem a percepção crítica das estudantes, acerca do significado das cores das bandeiras LGBT (vermelho, laranja,

amarelo, verde, azul, anil e violeta) e trans (azul, rosa e branco). Essa prática pedagógica estimulou as habilidades de pesquisa, leitura e produção textual, uma vez que as estudantes precisavam pesquisar na internet, o significado das cores.

Também foi identificado a realização de leituras de textos, com temas previamente determinados como: a) ‘Brasil é o país que mais mata pessoas trans’, b) ‘Processo Transexualizador’; c) ‘Pessoas transgêneros enfrentam barreiras para acolhimento em saúde’; dentre outros. Como os(as) docentes reconhecem que a leitura é um elemento central na escolarização, os(as) mesmos(as) planejaram práticas pedagógicas *Queer* que abordassem a realidade social das travestis e transexuais.

Assim, se compreende que a Pedagogia *Queer* é, como mencionado por Gabriela de Andrade Rodrigues (2010), uma pedagogia libertadora que concede o protagonismo do conhecimento, as pessoas que refletem sobre uma sociedade com menos problemas sociais como discriminação por identidade de gênero, orientação sexual, etnia, classe, etc.

As reflexões mencionadas por Rodrigues (2010), podem ocorrer de diferentes formas. No caso do curso ‘Tô Passada’, também foi apontado pelos(as) docentes entrevistados(as), o uso de séries e filmes com a temática *Queer*, como, por exemplo, o filme ‘Orações para Bobby’ (do ano 2009) que aborda o suicídio de um jovem homossexual que é rejeitado pela família; a série ‘*Queer Eye*’ (do ano 2018) que aborda a autoidentificação de pessoas enquanto *Queer*; a série ‘Pose’ (do ano 2018) que contempla o universo *Queer* estadunidense, demonstrando como as pessoas de gênero não binário viviam nos anos 1980. Além desses produtos fílmicos, os(as) entrevistados ainda acrescentaram no rol as séries ‘Crônicas de San Francisco’ (do ano 2019) e ‘Hollywood’ (do ano 2020), que possibilitam a abordagem da cultura *Queer*. Acrescenta-se que as práticas pedagógicas que contemplam documentários, filmes e séries, enriquecem o vocabulário, a criatividade, a expressão corporal e o desenvolvimento da comunicação entre as pessoas que assistem, pois esses produtos podem subsidiar a produção textual (resumos, resenhas e sinopses) e o diálogo sobre o que foi compreendido na narrativa fílmica.

Na tentativa de corroborar com o pensamento da teoria *Queer* – e no contexto desta pesquisa, com a Pedagogia *Queer*, Beatriz Preciado ([2004] 2014) expressa um manifesto contrassexual, sugerindo que nas atividades escolares, os corpos não sejam interpretados como matérias sexuadas que imprime e determina a identidade de gênero. Para a autora, é necessário que os corpos sejam reconhecidos assexuadamente e que as

peçoas abram mão dos privilégios de serem homens e/ou mulheres, cisgêneros – independentemente da identidade de gênero.

Portanto, nas aulas das Ciências Humanas, os(as) docentes entrevistados compartilharam que realizaram como práticas pedagógicas *Queer*, o estudo dos movimentos sociais *Queer* que desconstruíram o corpo cisheteronormativo. Nas aulas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia, foram realizadas atividades sobre o movimento social ‘Trans Lives Matter’ e a luta de ‘Marsha P. Johnson (1945-1992)’. Os(as) docentes relataram que realizaram leituras e produções de textos sobre esses temas, aliado a análise de documentários históricos.

Corroborando com esses estudos, também foi desenvolvidos reflexões filosóficas e sociológicas sobre o corpo humano. Nas aulas de Filosofia e Sociologia, refletiu-se sobre o corpo hegemônico branco, burguês, cisgênero e heterossexual. Foram desenvolvidas reflexões que desconstruíram o corpo hegemônico, afim de tornar inteligível os corpos transexuais. Assim sendo, César (2012) refletiu que as práticas pedagógicas *Queer* devem estimular que as pessoas concebam o corpo além da heterossexualidade compulsória como, por exemplo, os corpos transexuais. A autora exemplifica que homens transexuais podem engravidar e gestar um(a) filho(a) e/ou uma mulher transexual pode ser o pai biológico de uma criança. Esse pensamento subverte a cisheteronormatividade (MIRANDA, 2018) e exorta novas inteligibilidades na tríade relação corpo-sexo-gênero.

Salienta-se que a Pedagogia *Queer* se apresenta ancorada na literatura *Queer* que, conforme exposto por Richard Miskolci ([2012] 2016), é uma constelação de texto que desnaturaliza o androcentrismo, que centraliza o discurso no homem, branco, ocidental e cristão. A escrita *Queer* possui a sensibilização de não tornar o discurso androcêntrico homogêneo. Logo, os(as) pesquisadores(as) e/ou docentes *Queer* não escrevem ‘os homens dizem’, pois o termo ‘homem’ oculta todas as pessoas que não são homens, assim como faz o termo ‘sujeito’. Portanto, nos textos *Queer*, opta-se por escrever ‘as pessoas dizem’. Essa prática é sobretudo da ordem política e almeja ser subversiva ao androcentrismo.

Nesse sentido, Dinis (2013) avalia que a teoria *Queer* subsidiou teoricamente a Pedagogia *Queer*, que desnaturaliza a opressão sexista na sociedade machista, bem como reduz os discursos “(...) normalizadores dos corpos, dos gêneros, da sexualidade, da

identidade, das relações sociais, dos processos de ensino-aprendizagem e do pensamento” (DINIS, 2013, p. 09).

As práticas pedagógicas *Queer* abordadas nesta pesquisa, se constituem enquanto um conjunto de discursos e didáticas que desnaturalizam o cânone cisheteronormativo. Portanto, quando um(a) discente ilustra um ser humano em um papel, não existe a necessidade de colorir a vestimenta na cor rosa ou azul para identificar o gênero feminino ou masculino. O(a) discente pode colorir a vestimenta com cores neutras como, por exemplo, verde, vermelho, laranja, etc.

Segundo a prática pedagógica *Queer*, o(a) docente deve lecionar com base em um discurso que não privilegie o androcentrismo como, por exemplo, nas aulas de Geografia e História, o(a) docente deve sensibilizar as pessoas que é o SER HUMANO que vivencia o espaço geográfico e não o ‘homem’.

Nas aulas de Educação Física, como destacado por Priscila Gomes Dornelles (2013) e Vagner Matias do Prado (2014), não é necessário o(a) docente dividir a turma em grupos sexistas de meninos contra meninas. Nas práticas pedagógicas *Queer*, não existe sexismo. Somente existem equipes de pessoas com o mesmo objetivo que nesse contexto, é o de vencer a competição. Logo, recomenda-se que existam grupos mistos compostos por pessoas de todos os gêneros.

Neil Franco Pereira de Almeida (2014) entrevistou 12 docentes transexuais que lecionaram com base nas práticas pedagógicas *Queer*. A pesquisa identificou que as práticas pedagógicas *Queer* pode se iniciar quando o corpo transexual ingressa no espaço escolar como um corpo por excelência, pois o mesmo carrega estigmas sociais que o tornam desqualificado. Portanto, o corpo transexual assume uma postura política que rompe com esses estigmas sociais. O discurso corporal aliado as práticas pedagógicas, estimula os(as) discentes a refletirem sobre as diferenças e a diversidade cultural que existe entre as pessoas, tornando-os(as) cidadãos(ãs) mais sensibilizados com a diversidade de gênero e sexualidade.

Essas práticas pedagógicas *Queer* são consideradas por Gracia Trujillo (2015), como um conjunto de atividades antissexistas, antiracistas, antipatriarcais e antiheterossexuais. Essas atividades exortam novas inteligibilidades sobre a tríade relação sexo-gênero-corpo, reduzindo o competitivismo sexual, o preconceito e a discriminação social.

Com base no cenário exposto, Dilton Ribeiro Couto Junior e Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (2016), compreendem que as práticas pedagógicas *Queer* devem ser corajosamente desenvolvidas pelos(as) docentes que se sintam sensibilizados(as) em combater a LGBTfobia, os estigmas sociais, políticos e culturais que normalizam o corpo cisgênero-heterossexual, e tornam patológicas outras corporalidades consideradas desviantes do cânone heteronormativo.

Considerações Finais

De acordo com os resultados obtidos, compreendeu-se que as práticas pedagógicas *Queer*, desenvolvidas pelos(as) docentes do curso solidário 'Tô Passada', objetivaram empoderar as pessoas que cursaram o mesmo, incentivando a leitura, o raciocínio lógico e crítico, demonstrando a legislação e ensinando argumentos pra que essas pessoas tenham a autonomia de realizar o cuidado de si.

Compreendeu-se também que o processo da escolarização é demasiadamente complexo, uma vez que é realizado estudo de inúmeros fenômenos que compõe o universo *Queer*. Assim, estudar o universo *Queer*, demanda identificar os problemas sociais, refletir sobre as possíveis soluções e estudar formas de militância com o objetivo de reivindicar a conquista de novos direitos ou a manutenção dos direitos já conquistados.

Embora este estudo tenha ocorrido no contexto de uma ONG voltada para a população LGBTT, salienta-se que as práticas pedagógicas *Queer* aqui elencadas, podem ser aplicadas no âmbito da educação formal, isto é, nas escolas tradicionais, uma vez que nesses espaços também existem os corpos homossexuais, lésbicos, bissexuais, travestis, transexuais, enfim, os corpos de gênero não binário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Neil Franco Pereira de. *Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar*. 268 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2014.

ALMEIDA, Neil Franco Pereira de; CICILLINI, Graça Aparecida. Universo trans e educação: construindo uma área de conhecimento. In: *Anais da XXXVII Reunião Nacional da ANPed*, Florianópolis/SC, 2015, v. Único, p. 01-17.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1ª edição. São Paulo/SP: Edições 70, [1977] 2016.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro/RJ: Garamond Universitária, 2005.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA Sayonara Naider Bonfim. *Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais, no Brasil, em 2018*. 2019. Disponível em: < <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contrapessoas-trans-em-2018.pdf> > Acesso em: 14/10/2021.

BENATO, Ana Paula; BRAGA, Ramon de Oliveira Bieco. Transfobia no espaço escolar: intolerância contra os corpos travestis e transexuais no Brasil. In: *Anais do IV Simpósio Internacional Desfazendo Gênero: corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama*. Recife/PE: Realize, 2019. v. 01. p. 01-10.

BENTO, Berenice Alves de Melo. Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual. *Anuario de Hojas de Warmi*, Barcelona, v. 13, p. 69-93, 2002.

BRAGA, Ramon de Oliveira Bieco; BENATO, Ana Paula. Práticas Pedagógicas Queer: uma leitura da experiência dos docentes de Geografia no curso 'Tô Passada' em Curitiba, Paraná, Brasil. In: *Anais do IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero*, Recife/PE, 2019. p. 01-12.

BRAGA, Ramon de Oliveira Bieco; BENATO, Ana Paula. Transfobia como tema preterido pelos(as) discentes da pós-graduação brasileira. In: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12: Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos*. Florianópolis/SC: UFSC, 2021. v. Único.

CABRAL, Vinicius; ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil.

Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente/SP, v. único, n. 35, p.118-135, 2013.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Banco de Dissertações e Teses*. 2021. Disponível em: < <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> > Acesso em: 14/10/2021.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia Queer. *Educação Temática Digital*, Campinas/SP, v. 14, n. 01, p. 351-362, 2012.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Quando ser menino(a) é o que importa. Ou, da insustentável leveza do Queer. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, gênero e infâncias no cinema*. Campo Grande/MS: UFMS, 2014. p. 139-150.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Quatro intervenções para uma pedagogia Queer. In: *Anais da XXXI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro/RJ, 2008. p. 01-14.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Em defesa de uma pedagogia Queer: reimaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. *Textura*, Canoas/RS, v. 18, n. 38, p. 123-142, 2016.

DORNELLES, Priscila Gomes. *A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar*. Undefined f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS, Porto Alegre/RS, 2013.

DINIS, Nilson Fernandes. Por uma pedagogia Queer. *Itinerarius Reflectionis*, v. 02, p. 01-12, 2013.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. bras. Estud. pedagog.* (on-line), Brasília/DF, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, [1970] 1987.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: FIOCRUZ, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, [1997] 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2004.

MATHIAS, Sergio Larruscaim; SAKAI, Celio. *Utilização da ferramenta Google Forms no processo de avaliação institucional: estudo de caso nas faculdades Magsul*. 2013.

Disponível em <
http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/seminarios_regionais/trabalhos_regiao/2013/centro_oeste/eixo_1/google_forms_processo_avaliacao_instit_estudo_caso_faculdades_mag.pdf> Acesso em 14/10/2021.

MIRANDA, Davi. A cidade dos invisíveis: a transfobia como um instrumento de segregação social e urbana. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa/PR, v. 09, n. 02, p. 331-347, 2018.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2ª edição. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, [2012] 2016.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo/SP: Annablume, 2009.

PRADO, Vagner Matias do. *Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física*. 253 f.

Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente/SP, 2014.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo/SP: n-1 Edições, [2004] 2014.

RODRIGUES, Gabriela de Andrade. Pedagogias queer e libertária para educação em cultura visual. *Educação e Pesquisa*, São Paulo/SP, v.36, n.3, p. 735-745, set./dez. 2010.

SANTANA, Naomi Neri; MAIO, Eliane Rose. Transexualidade e ensino: a visão do profissional da educação. In: *Anais do XXIV Encontro anual de iniciação científica e IV Encontro de iniciação científica júnior*, Maringá/PR, 2015, v. Único, p. 01-04.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. (org.). *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa/PR: Toda Palavra, 2013. p.143-182.

TGEU – Transgender Europe. *Trans Day of Remembrance (TDoR) 2018*. Press Release. 2018. Disponível em: < <https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2018/> > Acesso em: 14/10/2021.

TORRES, Marco Antônio; PRADO, Marco Aurélio. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. *Educação e Realidade*. Porto Alegre/RS, v. 39, n. 01, 201-220, jan./mar. 2014.

TRUJILLO, Gracia. Pensar desde otro lugar, pensar lo impensable: hacia una pedagogía queer. *Educação e Pesquisa*, São Paulo/SP, v. 41, p. 1527-1540, dez. 2015.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. *Educar em Revista*, Curitiba/PR, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.